

*Leitura da obra de Osman Lins:  
anos a fio*

---

Sandra Margarida **Nitrini**

Professora titular da  
Universidade de São Paulo.

**[sandranitrini@terra.com.br](mailto:sandranitrini@terra.com.br)**



---

**M**eu primeiro contato com a obra de Osman Lins deu-se em 1971. Li *Nove, novena* em tradução francesa. Encontrava-me em Paris, com bolsa do governo francês, para fazer meus estudos de pós-graduação. Já tinha defendido uma *maîtrise* sobre a peça de teatro de Sartre *Le diable et le bon dieu* na Faculdade de Letras Paul Valéry da Universidade de Montpellier. Fora para a França para fazer mestrado e doutorado em literatura francesa.

Terminada a primeira etapa de minha pós, comecei a me indagar sobre meus caminhos futuros e a sentir necessidade de me dedicar à literatura brasileira. Coloquei meu orientador, Robert Lafont, a par de meus conflitos. Como ele iria me orientar do ponto de vista teórico, pediu-me que escolhesse um autor brasileiro que fosse traduzido para o francês. Comecei então a ler e a reler autores brasileiros traduzidos, desde os mais até os menos conhecidos. Ainda que tivesse entusiasmo por inúmeros deles, nenhum me provocou o fascínio para me dedicar a sua obra por anos a fio como Osman Lins. Minha busca por um autor cessou a partir da leitura de *Nove, novena*.

Acabei por não defender doutorado em Montpellier, sob a orientação do estimado professor Lafont. O que seria um estágio na Escola Prática de Altos Estudos de Paris em função de meu doutorado transformou-se na preparação de um trabalho sob a orientação do

não menos estimado professor Greimas, ainda no nível de mestrado. Mas não abri mão da escolha de meu autor preferido. Dediquei-me aos estudos teóricos, na linha estruturalista, então dominante na França, e à leitura minuciosa de *Nove, novena* e, em especial, à de “Retábulo de Santa Joana Carolina” no original, pois já havia encontrado e comprado a edição em português na Livraria Latino-Americana, em Paris.

Imersa na leitura de “Retábulo de Santa Joana Carolina”, à luz das teorias de Barthes, Genette e Greimas, tive o privilégio de encontrar-me com Osman Lins em 1973. O articulador do encontro foi Renato Janine Ribeiro. Tenho vivas na memória suas palavras: “Você sabe que Osman Lins está aqui? Por que não procura se encontrar com ele? Posso falar com a Leyla (que também se encontrava em Paris) e pedir para ela ser a ponte do encontro”. Foi o que aconteceu. Não me lembro do dia, mas me lembro bem do *hall* do Hotel du Levant, no Quartier Latin, onde nos encontramos. Quando cheguei, Leyla Perrone-Moisés lá estava. Conversamos um pouquinho e logo em seguida desceu Osman Lins. Minha timidez impediu-me de aproveitar melhor esse encontro, cuja importância não aquilatei no momento.

Lembro-me que, a certa altura, ele começou a contar-me sua história, a falar de sua vida, e lembro-me de um comentário de Leyla: para a linha de meu trabalho, não interessava a biografia. Assim mesmo, ele continuou a falar de sua vida. Com tal atitude, Osman Lins dava sinais, então imperceptíveis para mim, quanto a sua posição restritiva em face do ideário estruturalista, que desconsiderava a autoria e o contexto da obra literária. Em alguns de seus ensaios futuros sobre o ensino da literatura nas faculdades de Letras, a crítica ao estruturalismo constituirá o cerne de seu pensamento. Ecos dessa crítica materializar-se-ão em literatura, como sabemos, em seu romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, publicado em 1976. No entanto, se examinarmos os esquemas de suas aulas de Literatura Brasileira para o curso de Letras de Marília, veremos que ele se vale muito da bibliografia sobre as estruturas da narrativa. Considerando esses fatos, ousaria dizer que talvez ele reconhecesse os aportes do estruturalismo para a compreensão da obra literária, fazendo-lhe, no entanto, sérias ressalvas no que se refere à desconsideração de autoria e contexto, fundamentais para a humanização da literatura.

Lembro-me também que, dirigindo-se à Leyla, lhe perguntou se não era bom para a divulgação de sua obra na França que houvesse um trabalho acadêmico, então em curso, como o meu. Lembro-me ainda que se colocou à minha disposição caso precisasse entrar em contato com ele para lhe fazer perguntas sobre sua obra. Nunca o procurei.

Desse único encontro com Osman Lins guardei na memória um gesto seu, levantando a xícara de chá de porcelana com estampania chinesa, dizendo-nos que gostava muito daqueles traços finos e da combinação de cores. Essa lembrança adquire especial significado, se pensarmos nas relações de sua obra com a pintura.

Há alguns anos encontrei, para grande alegria minha, numa das cadernetas de anotações de Osman Lins, guardadas na Casa Rui Barbosa, menção a nosso encontro e a

indicação de que logo em seguida iria ao Museu Cluny. Ermelinda Ferreira perguntou-me, em certa ocasião, se eu tinha encontrado alguma informação de que Osman Lins teria contemplado a famosa tapeçaria La Licorne. Tanto ela quanto eu apostávamos que sim. Afinal, com tantas visitas a Paris e com tanto fascínio pela Idade Média seria impossível que Osman Lins não tivesse visitado o Museu Cluny. Talvez naquele ano ele tivesse ido mais uma vez a esse museu. Provavelmente não se tratava de uma novidade para ele. Mas nessa caderneta temos a prova material de que ele foi ao museu e contemplou a famosa tapeçaria.

Terminada minha temporada de estudos em Paris e tendo apresentado a dissertação *Les niveaux de surface et de profondeur dans le récit (approche sémiotique de Retable de Sainte Joana Carolina)* na Escola Prática de Altos Estudos de Paris, retomei minha vida em São Paulo. Voltei sem o doutorado, mas obtive a equivalência de mestrado na Universidade de São Paulo com o trabalho sobre “Retábulo de Santa Joana Carolina”.

Com o título de mestre em mãos e já professora de Língua e Literatura Francesas na antiga Faculdade de Filosofia, Letras e História de Assis (hoje Unesp), candidatei-me ao doutorado no Programa de Pós-Graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da USP, sob a orientação de Davi Arrigucci Jr., que acolheu meu projeto sobre a relação entre *Nove, novena* e o novo romance.

Meu fascínio por Osman Lins perdurava, e minha atuação como docente de Língua e Literatura Francesas reaguçara também meu encantamento por essa área de estudos. Nova pequena crise, logo desfeita. A fortuna crítica de *Nove, novena* no Brasil e na França apontara aproximações entre as poéticas do nosso autor e as dos novos romancistas franceses, lembrada também por Leyla Perrone-Moisés em seu prefácio à tradução francesa, cujo título é *Retable de Sainte Joana Carolina*. Desse contexto nasceu meu projeto voltado para o confronto entre as poéticas de *Nove, novena* e do novo romance francês, de modo que a literatura comparada me permitiu manter-me fiel ao fascínio que a obra de Osman Lins exercia (e ainda exerce) sobre mim e abriu-me um caminho que também me permitia cultivar meus laços estreitos com a literatura francesa. A partir daí, novas sendas de estudos literários me foram abertas, sempre motivadas pela obra de Osman Lins: literatura comparada, incluindo-se sua dimensão histórica, teórica e crítica, relação entre literatura e pintura, o gênero literatura de viagem, o gênero diário, a mescla e a dissolução de gêneros. Costumo dizer que a obra de Osman Lins tem sido o ponto de partida e o ponto de chegada para meus estudos literários.

Tive ainda dois contatos por cartas com Osman Lins. Comecei a dar aula na Faculdade de Filosofia, Letras e História de Assis em 1974, ano em que ele era ainda professor em Marília. Por intermédio de Carlos Fantinati, professor de Literatura Brasileira, fiz chegar às suas mãos o trabalho que apresentara na Escola Prática de Altos Estudos, conforme lhe prometera em Paris. Pouco tempo depois recebi uma carta relativamente longa de Osman Lins. Não a tenho neste momento comigo. Guardei-a tão bem que não a encontro nos meus arquivos. Mas sei que existe uma cópia no arquivo Osman Lins do IEB, de modo que

a veracidade de minha lembrança poderá ser confirmada se alguém quiser confrontá-la com as palavras do autor. Ele foi muito gentil, fez uma avaliação equilibrada, ao mesmo tempo que elogiou meu trabalho, apontou algumas fragilidades, de acordo com sua perspectiva. Ressaltou o estudo que fiz do foco narrativo, dizendo que eu tinha esquentado os motores, tinha quase chegado ao ponto, mas não tinha dado conta de sua complexidade. E me explicou que o “eu” que ele usa é quase um “ele”. Além disso, afirmou que meu trabalho não demonstrava paixão por sua obra. Essa impressão é perfeitamente compreensível, porque o embasamento estruturalista demandava distanciamento em nome da cientificidade dos estudos literários de então. Mesmo assim, como já afirmei, elogiou meu trabalho e se ofereceu para interceder junto a Melhoramentos, editora de seus livros naquela época, para publicá-lo.

Respondi-lhe imediatamente. Coloquei-o a par de meu projeto de doutorado e contestei sua afirmativa de que faltava paixão em meu trabalho. Contei-lhe que interrompi a busca de um autor assim que li *Nove, novena*, fascinada por essa obra. Não tive mais necessidade de continuar a busca. Agradei o oferecimento para facilitar a publicação de minha dissertação. Não levei adiante essa ideia: achava que meu trabalho não tinha estofamento para ser publicado.

Recebi a segunda e última carta de Osman Lins na qual nega a propagada influência do Novo Romance em *Nove, novena* e reafirma sua primeira impressão quanto a meu envolvimento com sua obra, dizendo que meu amor se dera após o casamento.

Talvez meu amor após o casamento, temperado por um duradouro fascínio, tenha surtido mais efeito que uma profunda paixão, com frequência de curta durabilidade. O fato é que levei avante o projeto de doutorado, defendido em 1984. No período de sua preparação, contei com o apoio de Julieta de Godoy Ladeira, que me abriu as portas de sua casa para consultar o arquivo de Osman Lins. Ela era generosa com todos os estudiosos da obra do marido. Foi generosa comigo, o foi com Ana Luiza Andrade, com Regina Igel, com Graziela Cariello, escritora e professora de Literatura da Universidade de Rosário. Foi dona Julieta quem colocou Ana Luiza em contato comigo. Lembro-me do nosso primeiro encontro em minha casa. Ana Luiza, que morava nos Estados Unidos, veio conversar comigo numa de suas visitas ao Brasil. Discorremos entusiasmadamente sobre a obra de nosso autor predileto. Ela me trouxe um exemplar de seu mestrado e estava preparando também seu doutorado.

Dona Julieta também me colocou em contato com Hugo Almeida. Ela me convidou para participar de uma leitura de *Nove, novena* na famosa Livraria do Zé, em Perdizes. E lá estava presente Hugo Almeida. E assim, por intermédio de dona Julieta entrei em contato com dois dos primeiros osmanianos, que continuam entusiasmados por sua obra até hoje.

Desde então tenho o prazer e a felicidade de acompanhar o crescimento e o fortalecimento da rede de seus leitores que se espalham pelo Brasil todo. Leitores que se deixaram fisgar pela obra de Osman Lins nos meus cursos e nos cursos de vários colegas: Ana Luiza Andrade, na Universidade Federal de Santa Catarina; Elizabeth Hazin, na Universidade

de Brasília; Odalice de Castro Silva, na Universidade Federal do Ceará; Lourival Holanda e Ermelinda Ferreira, na Universidade Federal de Pernambuco; Zênia de Faria, na Universidade Estadual de Goiás; Leny da Silva Gomes, na Uniritter, sem falar nos jovens doutores, como Antônio Máximo, na Universidade Federal do Pará; Carolina Damasceno, na Universidade de Uberlândia; Ernani Fritoli, na Universidade Federal do Paraná.

Mas voltando a meu duradouro envolvimento com a obra de Osman Lins, seus frutos não redundam apenas em projetos de pesquisa pessoais, que se desenvolveram ao longo destes anos, concretizados em publicações de artigos e livros. Tudo isso é muito gratificante para mim. Mas mais gratificante ainda foi e é a oportunidade de coordenar a organização do arquivo Osman Lins, sediado no Instituto de Estudos Brasileiros, trabalho a que me dedico, desde 2002, graças ao convite que me foi feito por Yedda Dias Lima. Também foi muito gratificante para mim obter a autorização das filhas de Osman Lins, Litânia, Letícia e Ângela, para criar o *site* [www.osman.lins.nom.br](http://www.osman.lins.nom.br), inaugurado em 2004 no I Colóquio Osman Lins, quando celebramos seus 80 anos. Esse *site* está aberto a todos os estudiosos da obra de Osman Lins para divulgação de seus trabalhos, pesquisas e eventos. O *site* tem *link* com a Casa Rui Barbosa e com o Instituto de Estudos Brasileiros com o objetivo de facilitar o acesso a materiais sobre a obra de nosso autor. Por meio de *links*, tem-se acesso também a todas as dissertações e teses já defendidas.

No trabalho de organização do arquivo Osman Lins do Instituto de Estudos Brasileiros e no de manutenção do *site* tenho contado com o apoio efetivo de estudantes de graduação e de pós-graduação, que se revezam nessa empreitada com muito entusiasmo e dedicação. Nenhum deles passou pelo arquivo, sem se deixar fascinar por nosso Osman Lins. Todos se encantaram com sua obra e todos realizaram monografias, de diferentes níveis: iniciação científica, mestrado e doutorado. Trabalharam e ainda trabalham na organização do arquivo para facilitar o acesso de pesquisadores aos documentos e ao mesmo tempo desenvolvem suas pesquisas, com leituras pessoais da obra de Osman Lins. Assim foi com Marisa Balthasar Soares, com mestrado sobre a adaptação teatral de “Retábulo de Santa Joana Carolina” e doutorado sobre *Avalovara*, pioneira, entre meus estudantes, no trabalho de organização do arquivo Osman Lins. Fez o curso de especialização de arquivística no IEB para se qualificar devidamente a fim de organizar o arquivo e orientar os outros estudantes nessa tarefa.

Depois vieram Rosângela Felício dos Santos, Rodrigo Leite Gouveia, Elisabete Marin Ribas, bolsistas de iniciação científica. Rosângela e Elisabete viriam a fazer mestrado, como desdobramento de suas pesquisas de iniciação científica. Rodrigo desenvolveu um trabalho de iniciação científica sobre o gerenciamento da obra de Osman Lins na França. Além de colaborar na organização do Fundo Osman Lins, Rosângela digitou mais de sessenta artigos de Osman Lins espalhados em jornais, ainda não reunidos em livro. Esse trabalho foi realizado a partir de uma sugestão de Hugo Almeida, de modo que foi lançado agora em

2014 o livro *Quero falar de sonhos* que reúne artigos de Osman Lins dos anos de 1950 e 1960, organizados e selecionados por Hugo Almeida e Rosângela Felício dos Santos.

Elisabete, que também fez o curso de arquivística no IEB, transcreveu as aulas de História da Arte ministradas por Osman Lins a seus alunos de Letras em Marília. As fitas gravadas do curso foram encontradas no arquivo de Julieta de Godoy Ladeira, também sediada no IEB. Demos pulos de alegria quando achamos esse material. Mas depois nos decepcionamos um pouco, porque não encontramos no arquivo os *slides* correspondentes aos comentários feitos por Osman Lins. Um desafio se impunha: recuperar de qualquer jeito as imagens. Elisabete se pôs a buscá-las em livros de história da arte, em *sites* de museus. Até que um dia, por intermédio de um amigo seu, que foi fazer seus estudos universitários em Marília, soube que a caixa de *slides* do curso de pintura do professor Osman Lins se encontrava no arquivo morto da biblioteca de Marília. Para lá foi Elisabete em busca dos preciosos *slides*. E assim pôde reconstituir o curso de arte ministrado por Osman Lins. Infelizmente incompleto, porque, segundo informações deixadas por Julieta de Godoy Ladeira, uma fita tinha sido enviada para a Companhia das Letras. Apesar dos esforços de Elisabete para esclarecer o desaparecimento dessa fita, até hoje nenhuma resposta foi dada pela editora a esse respeito. Mas temos acesso à quase integralidade do curso, que foi também objeto da dissertação de mestrado de Elisabete. As filhas de Osman Lins já autorizaram a publicação desse curso.

Eder Rodrigues Pereira, atual doutorando, desenvolve estudos dos manuscritos de *Avalovara*, dando prosseguimento à linha de pesquisa iniciada em seu mestrado, no qual se dedicou a uma leitura das notas de planejamento deste romance à luz da crítica genética. Francisco José Gonçalves, hoje pós-doutorando, dedicou-se também à organização do arquivo em seu período de doutorado sobre João Cabral de Melo Neto. Ficou de tal modo encantado com a obra de Osman Lins que no seu pós-doutorado organizou uma edição crítica do romance inacabado *Cabeça levada em triunfo*, sob a supervisão de Telê Ancona Lopez, colaboradora imprescindível também na orientação dos trabalhos de Eder Rodrigues Pereira. Essa edição crítica é acompanhada de um denso estudo sobre a referida obra. Finalmente, Thaís Nazaré Silva, atual aluna de graduação do curso de Letras, já chegou à USP fisgada pela obra de Osman Lins, que conhecera no grupo de pesquisa do professor Antônio Máximo, na Universidade Federal do Pará. Participa atualmente da organização do arquivo sob a supervisão de Elisabete Marin Ribas, hoje funcionária do IEB, e se encontra em fase de elaboração de uma iniciação científica sob minha orientação.

Outros alunos meus também me acompanharam no deleite e na busca de compreensão de Osman Lins: Teresa de Jesus Dias, com seu mestrado sobre *A rainha dos cárceres da Grécia* e seu doutorado sobre o teatro de Osman Lins, publicado com o título *Um teatro que conta*. Fabíola Moura, com seu mestrado sobre o erotismo em *Avalovara*. Ernani Fritoli, com seu mestrado sobre *Nove, novena*. Desgarrou-se depois de mim, mas felizmente não de



Osman Lins. Defendeu um doutorado sobre Osman Lins e Italo Calvino sob a orientação de meu colega de departamento Fábio de Souza Andrade. Darcy Attanásio, doutoranda atual, que se dedica a *Guerra sem testemunhas*, encantou-se com Osman Lins num curso de pós-graduação ministrado por mim e fez um mestrado sobre *Marinheiro de primeira viagem* sob a orientação de Aurora Fornoni Bernardini. Rosa Marquart migrou de um mestrado sobre literatura infantil, defendido em outro departamento, para um doutorado sobre *O fiel e a pedra* sob minha orientação. Gaby Friess Kirsch dedicou-se no seu doutorado a um estudo sobre a tradução e a recepção de *Nove, novena* na França e na Alemanha. Maria Carolina Turatti e Tatiana Cristina Ribeiro desenvolveram estudos sobre a recepção de *Nove, novena* e de *Avalovara*, respectivamente, em seus projetos de iniciação científica.

E assim foi se tecendo, ao longo desses quarenta anos, ao meu redor uma ampla rede de relações acadêmicas urdida por fios de colorações diferentes, mas de uma única espécie: a de profundo envolvimento pela obra de um escritor que exige muito de seu leitor. Continua em curso a tessitura dessa rede, ao meu redor e ao dos vários colegas, aos quais me referi há pouco, e de muitos outros que começam a atuar na vida universitária.

A obra de Osman Lins rema contra a maré dos nossos dias, favorável à literatura recreativa, de fácil consumo. No entanto, aposto na persistência dos amantes da literatura, cientes de que, para cultivar o espírito, não podem render-se a facilidades nem a banalidades. Quem sabe um dia Osman Lins seja lido e admirado por ampla maioria de leitores. Por ora, contentemo-nos em colaborar para intensificar o aumento significativo de sua fortuna crítica, incentivando cuidadosas leituras de sua obra, que contribuam efetivamente para sua compreensão como arte literária, e não façam dela mero instrumento para ilustrar teorias passageiras.

